

Palavra Final

REVISTA BENJAMIN CONSTANT: DEZ ANOS.
VALEU A PENA!!!

Antonio Menescal

O ano era o de 1995. Estávamos dando os primeiros passos de uma nova gestão administrativa no Instituto Benjamin Constant __ IBC. O professor Carmelino Souza Vieira, nosso Diretor-Geral à época, incumbiu-me de levar a efeito um sonho seu, a criação de uma revista que trouxesse em suas páginas artigos e matérias que pudessem vir em benefício da difusão de informações relacionadas às pessoas cegas e de baixa visão, em todos os campos, privilegiando, logicamente, as questões relacionadas à educação e ao processo de reabilitação.

Portanto, o criador da revista Benjamin Constant, nessa edição comemorando seus dez anos, foi o professor Carmelino. A mim, como Diretor do Departamento Técnico-Especializado, coube a missão de tornar o sonho realidade. Aliás, as melhores missões são aquelas que têm um sonho como ponto de partida.

Com as dificuldades do ineditismo, lançamos o primeiro número em setembro de 1995. Nascera, como costumávamos referenciá-la no grupo editorial, a nossa primeira filha.

As quatro primeiras edições foram absolutamente artesanais. Buscávamos os artigos, sempre necessariamente inéditos em língua portuguesa, incitávamos os profissionais do IBC a escreverem e registrarem o muito que tinham a oferecer, selecionávamos os artigos, discutíamos sobre a capa, ousávamos ao transformar uma antiga foto de nossa fachada na nossa logomarca, fechávamos a pauta e mergulhávamos em seu processo de diagramação. Usando o MS Word, as horas e as noites passadas na frente do computador, lutando com o programa que teimava em não aceitar nossos comandos, nossa paginação e nossas colunas, foram de muita alegria. Afinal estávamos concretizando um sonho e sabíamos de sua importância e oportunidade.

Na quarta edição, a Benjamin Constant ganhou mais duas "mães": Ana Paula e Daniela. As jovens profissionais de comunicação que haviam realizado, quando ainda acadêmicas, estágio conosco, foram chamadas a cuidar da diagramação e editoração da revista. Eram as "meninas da revista", como eu as chamava carinhosamente, até para perceber a sua contrariedade, já que estavam imbuídas do mais alto espírito profissional. Mudou de cara, ficou mais bonita, não perdeu as suas características fundamentais de conteúdo e, principalmente, as "meninas da revista" tomaram-se de amores pela Benjamin e me livraram do suplício da diagramação final. Aliás, amor é um sentimento sempre muito presente na relação entre todo o pessoal envolvido e a nossa revista.

Desde o início de sua história, a Benjamin Constant está vinculada ao Centro de Pesquisa, Documentação e Informação do Instituto __ IBCENTRO, criado por inspiração da professora Vera de Oliveira Voguel.

A revista era o instrumento de que precisávamos, já que a Internet, grande ferramenta de difusão de informações, nos idos de 95, era, para nós, ainda mais um sonho, depois concretizado. O conhecimento construído em 140 anos de história do IBC necessitava ser registrado e difundido para todo o nosso país. Não estávamos mais no século XIX ou nos anos do século XX, nos quais o IBC recebia crianças e jovens cegos de todo o país. Agora, eles estavam em seus estados, em suas cidades, com suas famílias e, em muitas vezes, entregues aos cuidados e à dedicação de profissionais que não tinham as informações e os conhecimentos necessários para atendê-los da maneira mais adequada possível.

Essa foi uma das primeiras decisões estratégicas. Quem seria a nossa clientela preferencial? Que tipo de informação ela necessitaria receber prioritariamente? Que linguagem utilizar para garantir a universalização das possibilidades de acesso às informações de suas páginas? Tomadas as decisões, passamos a operacionalizá-las.

Professores, educadores, reabilitadores e familiares de crianças e jovens cegos e de baixa visão eram o nosso foco. A linguagem utilizada teria de ser a mais acessível possível. Falaríamos a linguagem do povo do Brasil e não aquela de sua Academia.

Passados dez anos, percebemos a Benjamin Constant consolidada. Observamos os momentos em que suas páginas foram brilhantes, analisamos os seus equívocos, recebemos e publicamos artigos, especificamente para ela escritos, oriundos de todo o Brasil e de outros países, já que a sua circulação e a sua repercussão não se restringem ao território nacional, acompanhamos os seus passos e vemos que valeu a pena.

Se, pelo menos, uma criança deficiente visual passou a ser mais bem atendida na Educação Infantil ou no Ensino Básico, valeu a pena. Se pelo menos uma pessoa cega teve em seus artigos o incentivo e a informação para a utilização do computador, valeu a pena. Se, pelo menos, uma pessoa obteve de suas páginas dados que tenham favorecido a sua preparação para o trabalho e a sua inserção no mercado, valeu a pena.

Valeu a pena, se pelo menos, uma família passou a perceber claramente a realidade de seu filho deficiente visual. Se, pelo menos, um professor tiver obtido informações fundamentais sobre o trabalho com a baixa visão, sobre a sexualidade de seu aluno deficiente visual, sobre o seu desenvolvimento, sobre o Braille, o sorobã, sobre a construção de material especializado, sobre os recursos, práticas e estratégias de ensino específicas, sobre Atividades da Vida Diária, Educação Física e Orientação e Mobilidade.

Também valeu a pena se, pelo menos, um professor tiver refletido sobre a importância da ludicidade, da liberdade, do prazer e da alegria no processo de aprendizagem. Se, pelo menos, uma pessoa cega ou de baixa visão, através da Benjamin Constant, tiver ampliado seu acesso à cultura, às artes, ao lazer ou ao esporte. Se, pelo menos, uma pessoa deficiente visual tiver encontrado em suas páginas bases e elementos para a luta por seus direitos de cidadão pleno.

Principalmente, valeu a pena se, pelo menos, uma pessoa foi levada a refletir sobre as diferenças humanas e sobre a igualdade nas diferenças. Se, pelo menos, uma pessoa se emocionou. Se uma chorou e outra riu. Se alguém cresceu, valeu a pena.

Antonio Menescal é professor de Educação Física do Instituto Benjamin Constant (IBC).